

A ARTE COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NO ENSINO SUPERIOR

ART AS A TEACHING TOOL IN HIGHER EDUCATION

BERTOLA, L.A.; OLIVEIRA, G.G.M.

Curso de Docência do Ensino Superior - FIO/FEMM; 2UNESP.

RESUMO

O artigo traz estudo da arte como instrumento pedagógico para o Ensino de nível Superior, realizando investigação a respeito da arte utilizada como ferramenta didática e sua contribuição para o ensino. A pesquisa envolve tanto a arte produzida em sala de aula bem como a arte pronta e acabada. O desenvolvimento se realizou através de pesquisa bibliográfica e experiências vivenciadas em sala de aula. Foi constatado que a utilização da arte na educação torna o ensino eficiente e atrativo, humanizando, sensibilizando, despertando a criatividade e propiciando prazer no aprendizado.

Palavras-chave: Arte; Didática; Educação; Ensino Superior.

ABSTRACT

The article brings the study of art as an educational tool for teaching higher level, doing research about the art used as a teaching tool and its contribution to education. The research involves both the art produced in the classroom as well as art, over and done. The development took place through a literature research and experiences in the classroom. It was found that the use of art in education makes teaching efficient and attractive, humanizing, awareness, awakening creativity and providing enjoyment in learning.

Keywords: Art; Didacticism; Education; Higher Level.

INTRODUÇÃO

Esse artigo estuda a arte como ferramenta didática complementar para o Ensino de nível Superior. A arte aqui é vista como instrumento didático para o ensino de outras disciplinas, não somente o ensino da arte propriamente dita. O conceito de arte não é simples e unânime entre os estudiosos, muito pelo contrário, existe uma gama de pensamentos divergentes e contraditórios. Apesar da complexidade conceitual que gira em torno dela (arte) não é proposto aqui realizar investigação com foco nessa problemática, partindo do ponto onde a natureza conceitual perde terreno para a influência cultural que decorre desse fenômeno, sendo essa a lição de Coli (2009, p. 11): “[...] o estatuto da arte não parte de uma definição abstrata, lógica ou teórica, do conceito, mas de atribuições feitas por instrumentos de nossa cultura, dignificando os objetos sobre os quais ela recai.”.

É relevante a utilização de métodos criativos; diferenciados e interessantes para o Ensino Superior. Essa necessidade pode ser verificada nos ensinamentos de Tavares e

Alarcão (2001) quando investigam os problemas da educação na passagem para o próximo milênio, principalmente no Ensino Superior onde se necessita de transformações e mobilização de todos os participantes. A arte pode ser esse diferencial. Apesar de já haver estudos a respeito do tema muitos educadores não utilizam desse recurso (e também de outros recursos importantes) mantendo uma postura tradicional de mero transmissor de conhecimento. A arte como ferramenta didática não é uma novidade, porém, muitas vezes está tão distante do ensino que chega a soar como se fosse algo novo.

Em 1999 a UNESCO pediu para Edgar Morin que fizesse algumas reflexões a respeito da educação no novo milênio. Seus pensamentos resultaram no livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Uma das idéias abordadas nessa obra refere-se à condição humana como conhecimento necessário para a educação, no sentido de que é preciso compreender como o homem está inserido no contexto social; como está situado no universo; como interage com o outro; e como vive a cultura. Para o autor é preciso o conhecimento da diversidade cultural e integrar (na educação do futuro) “[...] a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, **as artes** [...]” (MORIN, 2006, p. 48). Nessa mesma linha de raciocínio no livro *A cabeça bem-feita* Morin diz que “em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana.”. (MORIN, 2010, p.45). Para Edgar Morin a arte dentro do cenário escolar se insere como essencial, auxiliando no processo de conhecimento da diversidade cultural e da condição humana.

Existem profissionais da área de educação que já desenvolveram estudo a respeito da importância da arte na educação, dessa forma, o momento é para complementar o que já foi produzido e também contribuir para a continuidade dos debates e reflexões, os quais são necessários para a melhoria da qualidade de ensino. A importância da arte é reconhecida no entendimento de Amorin e Castanho (2008, p. 106):

A arte como sensibilizadora do humano poderia estar a serviço da educação, presente na sala de aula, na lida com os alunos, no lidar com o ensino. Não seria incumbida de uma missão salvacionista, porque não se trata de salvar algo ou alguém de qualquer coisa que seja. Seria a arte uma convidada (para mais tarde tornar-se uma afintriã, quem sabe!) às carteiras escolares, às mesas dos professores, às conversas entre alunos. Porque, se estética refere-se à capacidade humana de construir o conhecimento através dos sentidos, a aula é sim, o hábitat por onde se pode elogiar essa dimensão humana. E a educação, a formadora de homens, aquela que vá recebê-la à porta.

Um aspecto relevante está relacionado à intuição. A ciência também se constitui em processos intuitivos. Ostrower (2004) traz apontamentos nessa semelhança existente entre arte e ciência tratando dos aspectos não verbais, aspectos de configurações, aspectos de formas, e que às vezes os cientistas não sabem explicar suas descobertas de forma verbal em função de se relacionar a um processo intuitivo não verbal. Nessa vertente conclui a professora que: “[...] as ciências e as artes se unem, pois os caminhos de descoberta e criação – intuitivos sempre – são essencialmente caminhos de ordenação de formas.” (p. 45). Observa-se, então, que a arte é uma forma de unir ciência e arte, pois ambas contém processos intuitivos. Quando se trabalha com arte instiga o desenvolvimento desse tipo de processo na pessoa o qual por via reflexa pode contribuir na evolução científica.

Deixando de lado a função social que representa as obras artísticas ela também pode ser enxergada sob o aspecto do prazer. Existe aproximação entre ciência e arte e há aspectos ligados também à racionalidade, entretanto, outra faceta surge da não-razão, de características ligadas às emoções e aos sentimentos, capazes de seduzir/encantar as pessoas. É o que traz Coli (2009) ao abordar a razão nos objetos artísticos, verificando a existência de elementos que escapam à racionalidade, perfazendo uma comunicação (além da vida da razão) através de outras vias: emoção, espanto, intuição, associações, evocações, seduções. Apesar do destaque que se dirige a não razão não se olvida a importância da racionalidade no processo de ensino-aprendizagem. O ser humano em sua totalidade se concretiza de aspectos de racionalidade e irracionalidade. Para a composição desses elementos da razão e da não razão é interessante ainda a visão de Morin (2006, p. 59) quando trata complexidade humana relatando que:

O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e instável. Sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer com objetividade; é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, gozador, ébrio, extático; é um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio; é um ser invadido pelo imaginário e pode reconhecer o real, que é consciente da morte, mas que não pode crer nela; que secreta o mito e a magia, mas também a ciência e filosofia; que é possuído pelos deuses e pelas Idéias, mas que duvida dos deuses e critica as Idéias; nutre-se dos conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e de quimeras.

Tanto a razão como a não razão são importantes para a construção do conhecimento, mas é interessante o destaque de que certos aspectos não se explicam pela via da razão.

A arte além de contribuir no aspecto estético da comunicação, incentiva a construção de uma sociedade mais humana e solidária, humanizando os participantes, os

quais necessitam não somente de conhecimentos técnicos, mas de uma alma que brilhe e os projete para um futuro moldado nos princípios da dignidade humana e da solidariedade. Com a arte busca-se dar a aula mais beleza estética, porém, sempre almejando o compromisso social na formação das pessoas e melhoria da qualidade nas relações humanas. Enfim, com arte tem-se estética e conteúdo.

Do Fanatismo

O presente artigo foi construído como proposta de estudar a contribuição da arte no ensino, sem, contudo, perder de vista a realidade singular que se estabelece em cada sala de aula, ou seja, cada escola; cada aluno; cada professor e cada pessoa envolvida no processo de ensino-aprendizagem possuem vivências, experiências e características singulares. A arte deve ser vista como um instrumento didático complementar ao ensino, não é prudente acreditar que o ensino deva ser consubstanciado apenas através da arte nem que se estabeleça um método/modelo pré definido para se aplicar sempre e em toda sala de aula. O professor deve conhecer diversas possibilidades de como ensinar para em conjunto e no diálogo com os alunos aplicar à realidade de cada ambiente. A arte seria um recurso para auxiliar nessa construção conjunta. É dentro dessa atmosfera que se caracteriza a lição de Rios (2008, p. 75) ao declarar que “[...] aula não é algo que se dá, mas algo que se faz, ou melhor, que professores e alunos, fazem, juntos.” E segundo Ponce(1989):

A aula é o espaço/tempo privilegiado da comunicação didática. [...] É uma relação intersubjetiva, supõe, portanto a presença de sujeitos interagindo entre si. Em outras palavras, tanto o aluno quanto o professor devem ser vistos como sujeitos do processo ensino-aprendizagem, e neste sentido possuem uma igualdade para que tal relação se estabeleça. [...] Porém, aluno e professor possuem diferentes níveis de compreensão da realidade e o diálogo em aula não deve ignorar este dado, mas sim incorporá-lo como dado fundamental. (apud Rios, 2008, p.75).

Contudo, o que não se pode perder de vista é a intencionalidade do professor, pois é importante que o educador possua objetivos a serem alcançados. A aula mesmo construída coletivamente necessita ter fins pré-determinados. O professor precisa estar apto a construir a aula conhecendo diversas ferramentas e possibilidades, a arte seria um desses recursos, porém, visto como um fator pra somar, mas não uma única forma de ensinar.

Da arte pronta

Não é proposto aprofundar cada espécie de arte ou estilo, mas traçar linhas gerais, pois o universo de espécies e estilos é muito vasto, se for feita a análise, por exemplo, do

cinema, seria necessário estudar muitos gêneros e modalidades/estilos e dentro de cada estilo, sub-estilos e assim por diante, onde se demandaria um trabalho específico para cada tema. Por essa razão (e também pelos objetivos do trabalho) não se tem como proposta estudar os conceitos e tipos de arte de forma complexa, mas sim realizar um estudo do que seja comum em toda e qualquer manifestação artística.

As obras e produções artísticas podem ser apropriadas e utilizadas em sala de aula, pois as artes representam a cultura e a história dos povos. Sendo interessante ser mencionado que através dela se conhece outras culturas que o indivíduo não tem contato tanto em função da região/espço ou até mesmo culturas antepassadas. Ostrower (2004) tece alguns comentários no sentido de que as artes contêm significados psicológicos, sociológicos, históricos, filosóficos, sociais e políticos. Essa variedade de significados são capazes de gerar reflexão, pois permite observar que cada indivíduo traz diferentes contribuições, sendo que todas (contribuições) são importantes e não possuem níveis de hierarquia, ou seja, não se pode dizer que alguém sabe mais que o outro e vice-versa, havendo sim um ponto de equilíbrio onde todos refletem a respeito do tema proposto em sala de aula.

Nesse mesmo sentido reside a lição de Fantin (2008) quando declara que além da arte ser um diferencial da atividade social passa a ser vista com uma maneira de praticar a própria cultura buscando a identidade simbólica de um povo ou uma classe social.

É pertinente o registro de um exemplo de utilização da “arte pronta”, ocorrido na Especialização em Docência do Ensino Superior, módulo Cenário Histórico e Político da Educação, turma III, das Faculdades Integradas de Ourinhos, ministrado pela Professora Rosemary Trabold Nicacio, onde se verificou a relação da cultura social com o ensino. Em determinada aula foi estudada a *pedagogia jesuítica, a pedagogia tradicional, a pedagogia libertária e a pedagogia nova*. Nesse dia os alunos assistiram um trecho do filme *Sociedade dos Poetas Mortos* e foi proposto que os alunos anotassem as referências encontradas no tocante a *símbolos, lemas, comportamento e características marcantes*. Em relação aos *símbolos* foram observados os seguintes: instituição, escola, igreja, automóvel, vela/fogo, uniforme/coletivo, flâmulas, museu. Os *lemas* observados foram: tradição, disciplina, honra, excelência, carpe diem, horror, decadência. Os *comportamentos* visualizados foram: submissão, massificação, treinamento, disciplina, austeridade, postura, obediência, respeito (medo). Anotaram-se como *características marcantes*: poder dos mais velhos, passividade, não autonomia, tradição,

memorização/repetição (ensino), separação dos filhos de suas famílias, pressão, status, imposição. Através do filme a professora pode relacionar com o estudo das escolas pedagógicas, onde muitas características se compatibilizaram com o estilo da pedagogia tradicional e jesuítica. Com o estudo foi possível relacionar o conteúdo da aula com a cultura da sociedade em que se retratava no filme¹.

A Professora Rosemary² declara que:

Quando escolhi o excerto do filme “Sociedade dos Poetas Mortos” tinha como propósito provocar as sensações que cada um trazia em si da escola tradicional e jesuíta no aspecto das sensações e sentido que essa educação marcou cada um de nós. As marcas não podem ser explicitadas, pois, muitas delas são tão doloridas que simplesmente as esquecemos, deletamos do consciente. Mas, pela arte (seja pelos filmes, por uma música, ou mesmo uma pintura), somos pegos de surpresa e nossos mais profundos sentimentos emergem, mesmo que, muitas vezes, nem tenhamos consciência disso. Partilhamos esses sabores, amargos e doces e, por isso, a dor diminui e o prazer se intensifica. No filme em questão o Diretor foi muito perspicaz em organizar os símbolos de maneira explícita e implícita na cena vista e, para mim, um prato cheio para elencar características fortes daquela educação que existiu (e ainda persiste) nas nossas escolas.

Após o filme e estudo das concepções de ensino e de aprendizagem a aula acabou instigando debates a respeito das escolas, da época em que surgiram tais movimentos, bem como, dos reflexos na sociedade atual. Dessa maneira a contribuição que o filme trouxe para complementar o que estava sendo ensinado foi satisfatória, eficaz e tornou o aprendizado prazeroso.

Da arte produzida em sala de aula

Além da utilização da arte pronta (músicas prontas, filmes já produzidos, poemas já escritos, pinturas, esculturas, etc.) também é possível a produção de arte enquanto se ensina.

Obviamente que não se espera que seja exigido dos alunos o mesmo nível técnico de que é exigido para profissionais específicos das artes. Não se pretende, por exemplo, que um filme produzido por alunos tenha uma qualidade profissional exigida para os produtores profissionais de cinema, o que não impede que o seja, mas o foco principal é despertar a criatividade e se relacionar ao processo ensino-aprendizagem do tema da aula³. De qualquer sorte “[...] todos nós dispomos da potencialidade dessa linguagem e,

¹ A história do filme retrata o ano de 1959, focando a Welton Academy, escola tradicional dos Estados Unidos.

² Em debate/diálogo a Professora esclareceu o objetivo da utilização do filme em sala de aula.

³ Nesse caso o cinema estaria sendo utilizado para o ensino de disciplinas não relacionadas ao próprio curso de cinema, pois numa faculdade de cinema o nível que se espera da qualidade de um filme, em regra, é superior ao de um filme produzido por alunos de outros cursos que se utilizaram do cinema como forma didática de praticar a aprendizagem.

sem nos darmos conta disso, usamos seus elementos com a maior espontaneidade ao nos comunicarmos uns com os outros”. (OSTROWER, 2004, p. 09).

Um exemplo de arte produzida em sala de aula foi uma experiência realizada no módulo de Psicologia da Educação, no curso de Especialização em Docência do Ensino Superior, turma III, das Faculdades Integradas de Ourinhos. A professora *Gisele Gonçalves Melles de Oliveira* dividiu a sala em grupos para ser trabalhado temas relacionados à educação, cada grupo seria autônomo para apresentar seu trabalho. Um dos grupos realizou uma representação teatral abordando a multiplicidade e pluralidade dos alunos que existe em cada sala de aula e as dificuldades desse professor. Essa sala fictícia tinha problemas de comportamento e desarmonia entre alunos e professor. O intuito era de gerar reflexão dos motivos que desencadeavam a convivência conturbada e também que houvesse propostas de soluções. Esse grupo construiu os personagens de forma aprofundada durante o processo de construção da proposta, mas no dia da encenação utilizaram de técnicas de improvisação teatral. Após a apresentação a sala debateu a respeito da problemática, onde todos puderam dar suas contribuições.

Outra experiência interessante é a abordagem da poesia no Grupo Gelo, um conjunto de 13 crianças em idade entre quatro a seis anos de uma instituição infantil chamada Casa Monte Alegre do Rio de Janeiro, contada por Guedes et al. (2008, P. 141). Relataram que as crianças em geral possuíam comportamentos massificados e padronizados, desejavam ter os mesmos brinquedos e se expressavam de forma semelhante. Um dos focos de trabalhar com a poesia era no sentido de que essa padronização do grupo fosse quebrada respeitando mais uma expressão singular e individual. O resultado dos trabalhos foi muito produtivo com momentos em que o grupo elaborou seus próprios poemas inspirados nas poesias que foram apresentadas. Além dos textos os poemas instigaram a produção de desenhos, dança, etc. Em suma, as poesias serviram para a produção da arte, ou seja, pegou-se uma “arte pronta” e dela fez com que se “produzisse arte”. E foi-se mais além ainda, utilizaram de pinturas feitas pelas crianças para coletivamente criarem poesias, através da pintura criaram poesias. Antes de trabalhar com a poesia o grupo era padrozinado e depois “com significativos conhecimentos sobre poesias, os desenhos por elas inspirados foram surgindo com irreverência, diferença e singularidade.” (GUEDES et al, 2008, p.141). Apesar do presente trabalho estar centrado no Ensino de nível Superior a arte é eficaz e prazerosa para todos os níveis de ensino. Em entrevista pessoal com a professora *Elianeth Dias Kanthack*

*Hernandes*⁴ foi declarado que “o que muda em trabalhar com a arte nos diferentes níveis de ensino é apenas o nível de aprofundamento, mas não a função didática.” Os apontamentos referentes ao trabalho com crianças são pertinentes para o estudo da eficácia das artes como ferramenta didática para o Ensino de nível Superior. Voltando ao exemplo da Casa Monte Alegre visualizou-se que ao trabalhar com a poesia as crianças passaram a ser mais autônomas e ativas ao entrarem em contato com a arte (poesia) e produzirem sua própria arte. Essa preocupação do sujeito ser ativo e atuar no meio em que vive era a mesma de Freire (2002) em sua *Pedagogia da Autonomia*, onde destacou a importância de se visualizar que as pessoas estão sempre interagindo com o meio, não apenas como um elemento adaptado ao meio, mas sim sujeitos inseridos e atuantes.

Mais uma vivência de produção artística enriquecedora, foi no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Unidade de Marília, no curso Técnico Ator, módulo Teatro brasileiro, ministrado pela professora Paula Bittencourt. A sala foi dividida em duplas para a apresentação de trabalhos relacionados a peças e autores brasileiros. Cada uma (dupla) apresentaria de forma independente, ou seja, não existia um modelo para se apresentar. Uma das equipes trabalhou com a peça “Deus lhe pague” de Joracy Camargo. A apresentação era livre, mas deveria abranger a peça e o autor em questão. No dia, os atores/alunos construíram uma performance teatral representada por um programa de rádio. Construíram esse programa de rádio através de pesquisas históricas e culturais da década de 30⁵. Usaram gravações de comerciais de produtos e empresas, colocavam trechos de músicas, noticiavam acontecimentos políticos e econômicos, tudo daquele período histórico, e em determinado momento inseriram uma publicidade da peça “Deus lhe pague” dentro do programa, assim acabaram falando da peça e do autor dentro dessa rádio fictícia e intercalaram com aspectos sociais. Nesse exemplo houve produção de arte em sala de aula desencadeada por uma obra artística pronta (o texto da peça de teatro Deus lhe pague). O resultado foi excelente, pois além do aprendizado propriamente dito a apresentação foi muito agradável de assistir.

A produção de obras artísticas pode se concretizar tanto em função de outras temáticas que não se relacionam com a própria arte, (por exemplo, produzir um poema relacionado a um tema de uma aula de geografia), como também pode nascer da própria

⁴ A Professora Elianeth fez parte do corpo docente da Especialização de Docência do Ensino Superior, turma III, das Faculdades Integradas de Ourinhos.

⁵ “Deus lhe pague” foi apresentada pela primeira vez, no Teatro Boa Vista, em São Paulo, em 30 de dezembro de 1932, pela Cia. Procópio Ferreira.

arte (como por exemplo, um desenho surgir após o estudo de um poema.) De qualquer maneira o importante é o resultado obtido com o uso dessa ferramenta didática que instiga a criatividade, torna o aprendizado eficiente e prazeroso, atingindo seu objetivo pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto é demonstrado que a arte humaniza, incentiva a criatividade (tanto do aluno como do professor), se relaciona com a ciência e pode propiciar um aprendizado mais prazeroso e eficiente.

Um cuidado que foi apresentado é no sentido de que esse recurso didático não deve ser aplicado com um olhar de fanatismo onde seria um instrumento salvador do ensino, mas seria sim uma forma complementar aliada a outros saberes que o professor possui, pois não existe um modelo padrão e pré-definido para ser aplicado em todas as salas de aula. Dessa forma, a arte vem para somar o arcabouço de possibilidades do professor para ser usada com coerência e respeito às incertezas que permeiam o ensino.

Observa-se ainda que todo ser humano tem potencial artístico e todos se utilizam diariamente de linguagens artísticas sem terem consciência disso. A arte também se relaciona com fatores históricos; sociológicos; econômicos; políticos; psicológicos etc.

Outra faceta que influencia diretamente no sucesso da arte na educação é a capacidade de encantar e seduzir as pessoas. Dessa forma, sua utilização vai de encontro à realidade humana e pode ser extremamente eficaz como ferramenta pedagógica, despertando a criatividade, permitindo um ensino mais prazeroso além de trazer mais beleza estética no ensino somado à essência de um conteúdo que respeita o ser humano e suas emoções, ou seja, a arte possui estética e conteúdo.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I; TAVARES, J. Paradigmas de Formação e Investigação no Ensino Superior para o Terceiro Milênio. In: ALARCÃO, I. (Org). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. p. 97-114.

AMORIM, V. M.; CASTANHO, M.E. Da dimensão estética da aula ou do lugar da beleza na educação. In VEIGA, I. P. A. (org). **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas**. São Paulo: Papyrus, 2008, p. 95-111.

COLI, J. **O que é arte**. 15 ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. Coleção primeiros passos 46.

DANTON, G. **O conhecimento artístico**. Conhecimento Prático Filosofia. 17 ed., 2009. Disponível em <<http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/17/o-conhecimento-artistico-embora-pareca-um-assunto-datado-e-134597-1.asp>> Acesso em: 26 abr. 2010.

FANTIN, M. O Processo criador e o cinema na educação de crianças. In: FRITZEN, C; MOREIRA, J. (Orgs.). **Educação e arte**: As linguagens artísticas na formação humana. Campinas: Papirus, 2008, p. 37-65.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GUEDES et al. Poesias na Educação Infantil: a literatura como geradora de experiências estéticas expressivas. In: FRITZEN, C; MOREIRA, J. (Orgs.). **Educação e arte**: as linguagens artísticas na formação humana. Campinas: Papirus, 2008. p. 131-144.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 17 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

OSTROWER, F. **Universos da arte**: edição comemorativa Fayga Ostrower. 24 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

RIOS, T.A. A dimensão ética da aula ou que nós fazemos com eles. In: VEIGA, I. P. A. (Org). **Aula**: gênese, dimensões, princípios e práticas. São Paulo: Papirus, 2008, p. 73-93.